

Memórias e traduções: um estudo da relação do traduzir o passado¹

Wellerson Bruno Farias dos REIS²

Resumo: Este artigo baseia-se nas muitas possibilidades que a Tradução, enquanto área do conhecimento/disciplina dispõe. Contudo, não pretendendo abordar absolutamente em seu sentido literal, haja vista requerer um espaço mais amplo e dinâmico. Sendo assim, o estudo versa por uma de suas vertentes mais polares, a relação da memória e a tradução, o exercício de se traduzir a memória, sobretudo a coletiva, entre, e inter, povos. Desse modo, estudam-se as perspectivas de Bakhtin (1997) e sua multiplicidade de vozes; Hugo Simões (2020) e Julio Plaza (2003), estudiosos do campo da tradução, e também as de Ecléa Bosi (2003), Márcio Seligmann-Silva (2020) e Maurice Halbwachs (1990) pesquisadores e teóricos da memória, além de ter a Literatura Comparada como abordagem metodológica, discutindo e ilustrando, assim, o imbricar da Memória e Tradução.

Palavras-Chave: Memória; Tradução; Relação.

Introdução

A tradução durante muito tempo foi estigmatizada e reduzida somente ao seu sentido denotado, como se o tradutor, o profissional por excelência, por exemplo, atuasse em um campo limitado, como se o seu trabalho ocorresse de forma parecida a uma copiadora, porém, de um modo mais “complexo”, transpassasse (copiasse) o texto de uma língua à outra, o que decerto não poderia acontecer, ou pelo menos em sua totalidade. Uma vez que o traduzir não se restringe apenas a este ato, no entanto outras mais viabilidades são passíveis e possíveis de serem tratadas e implementadas para com a tradução.

Deste modo, justifica-se a produção deste texto com a perspectiva, entre outras mais, de contribuição para ulteriores explanações acerca desta área e suas vertentes. A julgar pela exímia importância da tradução para o meio acadêmico e para com a sociedade. Para mais, o objetivo deste estudo consiste, e está imbricado nas discussões já iniciadas, justamente por tentarem investigar e elucidar tal vertente do ramo da tradução, e a sua não “limitação”. Para isso, faz-se um diálogo com outras áreas, tais como a filosofia, a literatura e a história, para que se tenha uma discussão mais pontual acerca da memória e tradução, e a relação que ambas dispõem, sobretudo.

¹ O presente artigo foi elaborado com apoio da Bolsa de Mestrado da CAPES e do PROCAD Amazônia/CAPES.

² Graduado em Letras-Língua Portuguesa (UFPA), Mestrando no Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Línguas, Trabalho e Formação Docente (GPELFD). <https://orcid.org/0000-0001-6295-4932>

Ademais, a problemática em destaque deste artigo encontra-se no entendimento entre esses dois campos e tal liame, de modo que ambos não percam suas particularidades tal como o estudioso Hugo Simões descreve em seu texto “Traduzir memória: entre o objeto distribuído e a memória multidirecional”. Em vista disso, são discutidos alguns excertos da antologia do historiador e ficcionista Haroldo Maranhão, *Pará, Capital: Belém Memória, Pessoas e Coisas e Loisas da Cidade* (2000), de modo que a explanação com tais áreas fique ainda melhor contextualizada, uma vez que o texto do escritor paraense aborda temas condescendentes tanto com a memória quanto com a tradução.

Para tanto, confabulando com tais questionamentos e discussões, usa-se da Literatura Comparada como abordagem metodológica para que assim, didático, consiga tais objetivos, uma vez que ela permite, a partir de sua polaridade e, sobretudo, disposição e afinidade que abarcam tanto a intertextualidade quanto a interdisciplinaridade, mesclar distintas áreas e campos do conhecimento. Desse modo, percebe-se que a pluralidade de temas e perspectivas talvez seja um ponto característico deste estudo, o que também vai de encontro com as facetas da tradução, que não se rotula a um único panorama, pois é, entre outras coisas, resistência.

Assim sendo, tem-se com este estudo uma abordagem acerca das possibilidades que a relação entre Memória e Tradução permite e se permite o que não se limita apenas ao campo acadêmico, uma vez que esse enlace desagua no meio social, por excelência. Fato esse que se desmistificou a partir das leituras a seu respeito. Portanto, se discute a partir de então a relação da tradução do passado, não mais em uma visão limitada da tradução, mas caminhos.

Tradução e Memória: um enlace necessário

Inicia-se este diálogo com uma das reflexões mais pontuais e assertivas feita pela professora alemã Aleida Assmann ao dizer que “O que se seleciona para a recordação sempre está delineado por contornos de esquecimento” (*apud* SIMÕES, 2020, p. 60). Essa relação mostra-se cada vez mais verossímil – e até certo ponto corriqueira – a julgar pelo exercício o qual se faz e se esforça na busca de lembranças “adormecidas nas gavetas das memórias por, e, onde as guardamos”. É um caminhar de regresso, o passado se transfigura nas costas e convida-os a uma pausa no fazer outras memórias para que se demande a um local onde já estiveram antes. No entanto, essa investida não é, de todo, algo intrínseco e pertencente à

genética, é uma característica para além da biologia, o que muito dialoga com a ideia do filósofo Michael Oakeshott (2003)³.

O esquecimento, nesse sentido, é como um museu, a cada espaço por onde a exposição se delinea apresenta minúcias das vivências que o tempo proporcionou e proporciona, é um embate entre o que se busca e julga-se importante, o que também se mostra como um encantamento de se vê diante de uma infusão de muitas passagens as quais juntas formam os viventes. O querer ficar e reviver essas outras lembranças se mostra tentador, é como arrumar “nossos” quartos, por exemplo, que a cada abertura de uma caixa há ali um retorno ao momento em que “avistamos” um objeto que para marcou um tempo, ou uma carta narradora do evento em si.

Para tanto, percorrer esta exposição memorialística, como a maioria das coisas da/na vida, ocorre por etapas, o que nesse contexto atual da memória mais recente a aquela há muito esquecida. Um submeter-se para, paulatinamente, emergir no tempo ou evento que se quis rememorar. Acerca disso, pode-se dizer então que a memória, ainda que coletiva, como um todo é fragmentada, pontilhada numa linha cronológica reversa, o que faz com que haja a necessidade de elencar acontecimentos, sendo eles de um a um, a julgar pelas limitações perante a esse processo. Confabulando com essa ideia, e juntamente a perspectiva de Assmann (2011), o estudioso Márcio Seligmann-Silva em seu texto *História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes* (2003) diz que:

Em contrapartida, observou-se mais e mais a ascensão do registro da memória – que é fragmentário, calcado na experiência individual e da comunidade, no apego a locais simbólicos e não tem como meta a tradução integral do passado [...] no campo da memória atua a seleção dos momentos do passado e não o seu total arquivamento, ou seja, a memória só existe ao lado do esquecimento. (SELIGMANN-SILVA, 2020, p. 65-77).

Nesse sentido, tanto para Seligmann-Silva quanto para Assmann (2011), a memória e seu processo regressor atuam entrelaçados ao esquecimento, pois se este último não se fizesse existir os humanos seriam compêndios de vivências de um constante e, até certo ponto, eterno presente, onde tudo se comprazia a ele. No entanto, em contrapartida, nessa relação entra em vigência o mecanismo da possibilidade do “ir e vir a uma memória ou outra”. São, nessa perspectiva, viagens. Pois, desde a chegada ao ponto de embarque já começa a se sentir os impactos das lembranças às quais os envolvidos as aguardam, e buscam-se por elas. O

³ Ele diz que imerso a ideia de passado há um sentido de passado prático, que seria também descrito como “passado encapsulado” o qual ele descreve como “[...] o somatório de experiência e que mantém com ele uma relação que independe da rememoração, como na herança genética” (OAKESHOTT, 2003, p. 13).

deslocamento até elas ocorre para assim as trazerem ao presente, uma vez que seja exatamente, e necessariamente, este o tempo da memória, o hoje. Movimento esse que Julio Plaza (2003) prescreve certos caminhos para assim ocorrer de um modo “assertivo”.

[...] várias formas de recuperação do passado como intenção de construção de um diálogo. Em primeiro lugar, como poética-política ou estratégia artística em face de um projeto construtivo do presente, conforme se dá, por exemplo, no caso da recuperação de Sousândrade pelos poetas concretos (Augusto e Haroldo de Campos) ou da recuperação de ‘el Greco’ pelos artistas expressionistas e mesmo daqueles projetos do passado que confirmam projetos do presente. ‘o fato é que cada escritor cria seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção do passado, como há de modificar o futuro. Nesta correlação, pouco importa a identidade ou a pluralidade dos homens (PLAZA, 2003, p. 6).

Esse processo é corriqueiro e, em muitos casos, invisível aos sentidos, é imanente no escopo do comum, comezinho em e nas atitudes mais débeis, pois ainda que não se intente tal demanda, ela é feita automaticamente. Para mais, a corroborar com tal posição e reflexão, Beatriz Sarlo (2007, p. 10) ilustra o quanto é involuntário o processo de lembrar, ela diz que “Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada”. Assim sendo, mesmo que oculto se está exercitando tal processo de “trazida” da memória ao presente, ao agora.

O curioso nessa relação de imanência é que se pode fazer um paralelo justamente com o tempo da memória, por exemplo, há na palavra “agora” uma preparação para algo que ainda irá acontecer, mesmo que a expressão denote o tempo do evento de modo imediato, ainda assim ela, intrinsecamente, infere a uma preparação, não o tempo exato da coisa em si, e isto também é um movimento involuntário. Bem como o interdito e fugidio instante de Clarice Lispector.

[...] Tenho um pouco de medo: medo ainda de me entregar, pois o próximo instante é o desconhecido. O próximo instante é feito por mim? Ou se faz sozinho? Fazemo-lo juntos com a respiração. E com uma desenvoltura de toureiro na arena. Eu te digo: estou tentando captar a quarta dimensão do instante-já que tão fugidio não é mais porque agora se tornou um novo instante-já que também não é mais. Cada coisa tem um instante em que ela é. Quero apossar-me do é da coisa. Esses instantes que decorrem no ar que respiro: em fogos de artifício eles espocam mudos no espaço. Quero possuir os átomos do tempo. E quero capturar o presente que pela sua própria natureza me é interdito: o presente me foge, a atualidade me escapa, a atualidade sou eu sempre no já (LISPECTOR, 2020, p. 7-8).

Ademais, a espontaneidade imersa nos sentidos, ideias e perspectivas talvez seja um dos causadores da falta de, ou limitado, apreço pela tradução ao se relacionar esta com a memória, e assim pôr à prova a consistente relação que uma tem para com a outra. O que se

mostra evidente constantemente. Todavia, por durante muito tempo criou-se visões limitadas às quais desprezavam/menosprezavam a existência de tal enlace, pensamentos esses que embasam as discussões feitas por Hugo Simões (2020, p. 61), o que o infere a discussões diretas em um de seus artigos referentes a esta temática, nele ele diz que “Talvez por não se entender como um espaço perene, que seja capaz de manter, armazenar e transmitir por si só a memória cultural, a tradução não seja abordada mais do que lateralmente por Assmann e pela maioria dos estudiosos do campo da memória cultural”.

Acerca do ponto em que Simões refere-se à tradução como um “espaço perene”, pode-se relacioná-lo a, também, assertiva visão do filósofo francês Gaston Bachelard quando elenca pontos acerca da importância e, sobretudo, distintos lugares que para ele são fundamentais para que se haja uma melhor explanação da memória e, principalmente, sobre a sua “perpetuação” no transcorrer do tempo e a busca por elas. Bachelard (1993, p. 19), numa tentativa de dar uma espécie de reforço à “durabilidade” da memória, enumera/classifica alguns lugares capazes de auxiliar este processo, ele nomeia alguns da seguinte forma: “espaços de posse”, “espaços defendidos contra forças adversas”, “espaços amados”, ou ainda “espaços louvados”.

Conforme as observações e reflexões que este autor faz acerca das muitas possibilidades que se há em/de rememorem ao “abrirmos uma gaveta”, sendo este um lugar ora de posse por haver esse sentimento de pertença para com ela, ora amado por “armazenarmos” justamente tal emotividade. Além disso, pode-se ter também – em um exemplo mais emergente – enxergar os templos e igrejas tais como espaços louvados, a julgar pelo poder transcendental que a maioria de “nós” sentimos por quanto se adentra e “nos deixemos pertencer a estes lugares e espaços”. Contudo, essas perspectivas só são possíveis de se “viverem” quando inferidas por um olhar que atravessa o físico e que se enxerga a abstração que há por detrás do “concreto”, olhar esse que Sérgio Cardoso (2002) prescreve. Ele diz que este mesmo olhar.

[...] perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto, e parece orifinar-se sempre da necessidade de “ver de novo” (ou ver o novo), como intento de “olhar bem”. Por isso é sempre direcionado e atento, tenso e alerta no seu impulso inquiridor [...] Por isso o olhar não acumula e não abarca, mas procura; não deriva sobre uma superfície plana, mas escava, fixa e fura, mirando as frestas deste mundo instável e deslizante que instiga e provoca a cada instante sua empresa de inspeção e interrogação (CARDOSO, 2002, p. 348-349).

Desse modo, ao se utilizar tais visões se exercita então às muitas possibilidades que os seres humanos, enquanto seres imagináveis/sensíveis podem inferir diante de pontos, espaços,

lugares e formas físicas julgadas limitadas, que, no entanto, comportam lembranças ou memórias tão fortes quanto suas estruturas, o que faz com que a sensibilidade destes mesmos espaços se iguale as colunas as quais os sustentam, pois a abstração por detrás destas são tão necessárias quanto o “palpável” que se mostra de antemão.

A corroborar com tais palavras, Gaston Bachelard evidencia ainda mais a necessidade dos espaços para se trazer à memória para o presente, tal exercício, para ele, se mostra de fácil demanda quando se há, ou melhor, quando se faz dentro de um espaço.

Nesse teatro do passado que é a memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer “suspender” o voo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço [...]. Aqui o espaço é tudo, pois o tempo já não anima a memória. A memória – coisa estranha! – não registra a duração concreta, a duração no sentido bergsonianos. Não podemos reviver as durações abolidas. Só podemos pensá-las, pensá-las na linha de um tempo abstrato privado de qualquer espessura. É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências (BACHELARD, 1993, p. 28-29).

Nesse sentido, o espaço, seguindo a perspectiva de Bachelard, funciona tal como um compêndio, o qual leva a imaginar que talvez seja por isso que ele utilize, demasiadamente, o exemplo da gaveta, uma vez que ela – em seu sentido literal – armazene inúmeros objetos e memórias destes e, também, neles. Armazenamento que sugere comparar tal como ocorre com a relação entre memória e tradução, pois também há essa particularidade em comportar uma à outra. Um enlace dual e igualitário. Em vista disso, Hugo Simões diz que “Traduzir memória é, sim, confiá-la a uma espécie de armazenamento, a uma mídia; o qual, porém, terá ação sobre o que é armazenado, a fim de apresentá-lo em um novo contexto” (SIMÕES, 2020, p. 62).

Esse novo contexto o qual o pesquisador se refere indaga a liberdade que a tradução dispõe sobre algumas áreas e, principalmente, sobre ela mesma. Memória e tradução e seu imbricar desencadeia algumas particularidades, sendo uma delas sua característica multidirecional, o que vai de encontro com a pluralidade e polaridade que ambas dispõem, e que fica evidente a seguir: “A tradução de memória carrega, assim, a característica multidirecional desta, abrindo-se ao contexto de destino como objeto pluripotente, capaz de dar acesso a novas relações a quem recebe a informação traduzida” (SIMÕES, 2020, p. 65).

Para mais, essa multidirecionalidade é também discutida e pontuada por Julio Plaza (2003) a qual se amplia quando imbrica a ela a ideia de sentidos, bem como ilustra:

O operar tradutor como pensamento em signos precisa de canais e de linguagens que permitam socializar esses pensamentos e estabelecer uma ação sobre o ambiente humano. [...] O homem, para sobreviver, começa a transmutar o mundo em signos, em palavras e imagens, tomando posicionamentos e delineando as fronteiras da realidade em nosso entendimento. Ao representar, o homem esquematiza o real e materializa seu pensamento em signos os quais são pensados por outros signos em série infinita, pois o próprio “homem é signo”. Essa atividade de cristalização em signos (a partir de possibilidades e sentimentos), em formas significativas e simbólicas é o que caracteriza a comunicação social e humana. Contudo, as relações do real (que é signo) e a linguagem que também é real tecem uma tessitura ou malha fina de conexões. O real é uma espécie de conjunto polifônico de mensagens parciais que realizam um contraponto, determinando a inteligibilidade maior ou menor do sinal de conjunto. Perceber já é selecionar e categorizar o real, extrair informações que interessam num momento determinado para algum propósito. Muito mais do que o real, o que os nossos sentidos captam é o choque das forças físicas com os receptores sensoriais (PLAZA, 2003, p. 45-46).

Acerca dessa troca, faz-se uma comparação entre a própria multidirecionalidade apontada acima com a Memória Coletiva, sendo esta última na visão de Maurice Halbwachs (1990). Ele diz que para “fazer parte de uma memória coletiva” não, necessariamente, precisa-se estar presentes na hora e local do evento, pois basta o testemunho de outrem acerca deste mesmo evento para que se tome posse do ocorrido, e assim tenhamos e pertencemos a tal memória coletiva, pois de certo modo “fomos acolhidos” pela coletividade de memórias e pessoas.

Essa troca fica evidente com os eventos ocorridos em Auschwitz, por exemplo, pois ainda que não “tenhamos participado” do ocorrido, ainda assim, “temos ciência” de tal evento-memória. Exercício esse que esbarra no trabalho do historiador em meio e, portanto, em face da história, bem como Ecléa Bosi discute.

A experiência da releitura é apenas um exemplo, entre muitos, de dificuldade, senão da impossibilidade, de reviver o passado tal e qual, impossibilidade que todo sujeito que lembra têm em comum o historiador. Para este também se coloca a meta ideal de refazer, no discurso presente, acontecimentos pretéritos o que, a rigor, exigiria se tirassem dos túmulos todos os que agiram ou testemunharam os fatos a serem evocados. Posto o limite fatal que o tempo impõe ao historiador, não lhe resta senão reconstruir, no que lhe for possível, a fisionomia dos acontecimentos. Neste esforço exerce um papel condicionante todo o conjunto de noções presentes que, involuntariamente, nos obriga a validar (logo, a alterar) o conteúdo das memórias (BOSI, 1983 p. 21).

Essa transposição de eventos, pessoas, lugares e memórias são verossímeis e perceptíveis em *Pará, Capital: Belém Memória, Pessoas e Coisas e Loisas da Cidade* (2000)⁴, por exemplo, principalmente quando Haroldo Maranhão elenca passagens que

⁴ O texto referido trata-se de uma antologia do escritor paraense Haroldo Maranhão, nele o autor reúne inúmeros excertos de personalidades que escrevem a respeito da história do estado do Pará e sua capital Belém. Revista A Palavrada (ISSN 2358-0526), 21, jan-jun, p. 43-55, 2022

narram o cotidiano das ruas da cidade de Belém. O antologista se ocupa e se preocupa em registrar passagens de tempos passados para que seu leitor “tenha ciência” do dia a dia da capital paraense dos séculos XVIII, XIX e XX, na perspectiva dessa coletividade específica de um tempo – não do “nosso” – se firme no presente, sendo este o tempo da memória e, portando, este mesmo leitor participe desta memória coletiva, tal como ocorre com os eventos da Segunda Guerra citados anteriormente.

Além disso, Haroldo Maranhão atua em seu texto como um guia turístico a apresentar sua cidade, sendo essa edificada por algo tão sólido e atemporal quanto as estruturas concretas, palpáveis e resistentes que as dão forma às palavras. Palavras essas não proferidas por ele, mas por outras personalidades que juntas alegorizam, ou representam de forma didática, o sentido de Multiplicidade de vozes que Bakhtin (2008) ⁵ aborda. Vozes essas que, e respeitando a ordem e predisposição estabelecidas por ele, não se sobrepõem, todavia respeitam as colocações (posições) uma das outras, sendo assim, de fato, uma sonoridade.

Acerca disso, Bakhtin (2008, p.308) diz que sempre há “a consonância ou a dissonância de réplicas do diálogo aberto com as réplicas do diálogo interior dos heróis. Em toda a parte um determinado conjunto de ideias, pensamentos e palavras passa por várias vozes imiscíveis, soando em cada de modo diferente”. Em vista disso, destaca-se um trecho da obra de Maranhão para evidenciar o uso dessas vozes.

Pela 22 passava todo tipo de ambulante. O folheiro vendendo a Folha do Norte. O pupunheiro apregoando; **Piê pupunhê cozidê!** O cascalheiro tocando num triângulo de metal. A carrocinha do leite de vacaria, o galego na boléia, o sininho batendo. O midubinzeiro oferecendo cartuchos de midubim torrado. O doceiro com o charão de sonhos e caracóis. O amolador empurrando uma roda com a pedra de mó. O bucheiro com o seu carrinho sujo de sangue de vísceras. O fruteiro repetindo: **Olha o abacaxi-xi-xi, uxi, mariri!** E mais o tapioqueiro, paçoqueiro, o sorveteiro, o comprador de jornais velhos e garrafas vazias. Passava também o bonde **Independência** e a carrocinha da Cremação capturando cães soltos nas ruas. Por trás das venezianas xingávamos os lançadores: – Larga o bicho, filho da puta! (MARANHÃO, 2000, p. 140).

Ao trazer a voz de Alfredo Oliveira ⁶ – seu conterrâneo – Haroldo Maranhão atua feito um tradutor, ao registrar em sua antologia uma passagem do texto *Belém, Belém* (1983) ele

Fragmentos que na perspectiva deste estudo configuram-se como memórias, na perspectiva de Bosi, mas também vozes traduzidas na visão de Bakhtin.

⁵ Para ele, em textos escritos ou orais, há “Em toda parte um determinado conjunto de ideias, pensamentos e palavras passa por várias vozes imiscíveis, soando em cada uma de modo diferente” (BAKHTIN, 1997, p. 271). O que vai de encontro com os muitos textos e, principalmente, contextos encontrados pela tradução e, conseqüentemente, por seus tradutores.

⁶ Também escritor paraense o qual Maranhão usa um recorde de sua obra para evidenciar a pluralidade de diálogos, elementos e cotidianos da cidade de Belém durante o século XIX. Para mais, e em vista disso, o Revista A Palavrada (ISSN 2358-0526), 21, jan-jun, p. 43-55, 2022

utiliza deste mesmo trecho para contextualizar um ponto específico em sua miscelânea. Fazendo assim uma das facetas do ramo da tradução que se compraz em apresentar um mesmo assunto em um contexto diferente. Desse modo, além de guia turístico, Maranhão também atua como um tradutor a apresentar textos, antes vistos, a eventos, pessoas e contextos diferentes.

Além disso, os demais fragmentos os quais ele usa para assim edificar sua cidade, são vozes que atuam feito as memórias para Gaston Bachelard, pois segundo o francês “o poeta não me confia o passado de sua imagem e, no entanto, sua imagem se enraíza, de imediato, em mim” (BACHELARD, 1993, p. 342).

Para mais, pode-se dizer então que no registro feito por Haroldo Maranhão não há apenas indícios ou marcas de um escritor envolvido com e para o lugar de onde e, principalmente, de que se fala, existe nesta relação a evidente noção de memória e tradução. São na verdade noções postas no plural justamente por elencar e relacionarem-se com campos/áreas outros/outras, bem com a história, literatura, filosofia, arquitetura e linguística, alegorizando assim, e dessa forma, uma intertextualidade imanente por excelência, tal como o “agora” – discutido neste texto – e o “instante” elucidado por Clarice.

Assim sendo, o autor de *Pará, Capital: Belém é*, entre outras coisas, tradutor, mas não aquele cujo ofício se equivale ao buscar e escolher as melhores palavras para determinado texto, – tal como se descreve no início deste artigo – mas um trabalhador do diálogo, um servidor de, e para com, todas as áreas e palavras. Sendo elas do sistema linguístico ou não. O que muito dialoga com a fala de Bakhtin.

O ato de fala, sob a forma de livro, é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor, como as de outros autores: ele decorre, portanto, da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. O discurso escrito é parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções, potencia e procura apoio, etc... (BAKHTIN, 1981, p. 123)

Nessa perspectiva, o trabalho do autor paraense ao registrar tais passagens as quais formam, não somente a história e cultura da cidade de Belém, mas do estado, a julgar pela grande relevância que este tem para toda a região norte, se faz também de modo político. Pois elenca, a partir de sua intertextualidade e interdisciplinaridade, que segundo Pires “[...] significa diálogo entre textos de várias procedências, em variados cruzamentos e tons e

excerto funciona como um marco temporal e, assim, memorialístico traduzido pelo antologista. Um exercício da relação entre tradução e memória.

timbres diversos” (PIRES, 2007, p. 18), que faz um elemento importante tanto para a Literatura Comparada bem como para a tradução. É uma forma de mantê-la viva e utilitária/utilizada, tal como ocorre no traduzir memórias, sendo este, a espelho do outro, um ato político e de resistência e que visa o presente e, sobretudo, o futuro, pois:

Para qualquer tradição benjaminiana, a tarefa da rememoração, afinal, é “altamente política: lutar contra o esquecimento e degeneração é também lutar contra a repetição do horror (que infelizmente, se reproduz constantemente)” (GAGNEBIN 47) (p. 61) [...]O rememorar tradutório evidencia algo pertinente a qualquer objeto carregado de memória: a lembrança constantemente se transforma. Assim, o ato de traduzir memória configura-se também por suas necessárias alterações no percurso da travessia (SIMÕES, 2020, p. 62).

Neste viés, Haroldo Maranhão edifica seu *Pará, Capital: Belém Memória, Pessoas e Coisas e Loisas da Cidade*, por entre suas quase 400 páginas em uma nuance de vozes, uma mão de obra de seletos grupos que, juntas dão vida a uma Belém de memórias, sendo em muitos casos, memórias traduzidas. Um cruzamento entre seus muitos cotidianos, congruências entre o pacato e o agitado, o novo e o velho, o centro e a periferia, um “grosso e a retalho” de vivências que se unem e se desprendem num ir e vir contínuo no eterno ciclo citadino.

Além disso, enxergar Belém por esses muitos olhares compartilhados por Maranhão, remete a outra reflexão elucidada por Ecléa Bosi (2003, p. 202) quando questiona “Por que definir a cidade em termos visuais? Ela possui um mapa sonoro compartilhado e vital para seus habitantes que, descodificando sons familiares, alcançam equilíbrio e segurança”. São esses que dialogam com os muitos “cantos” da cidade cantada, contada e, sobretudo, traduzida por Maranhão.

Ademais, quando Sérgio Cardoso prescreve um olhar para além do físico ele corrobora com a perspectiva de Décio Pignatari, que de igual forma infere uma visão para além do óbvio, daquilo que as linhas dos textos ilustram, é, então, um olhar curioso. Nesse sentido, por meio da semiótica de Pignatari, na literatura consegue-se imaginar e se perceber a grandiosidade que se há por detrás das palavras, pois nem tudo se resume a elas, tal como o estudioso diz “A semiótica acaba de uma vez por todas com a ideia de que as coisas só adquirem significado quando traduzidas sob a forma de palavras” (PIGNATARI, 2004, p. 20). Para evidenciar a importância da semiótica para com a literatura e, na visão deste estudo, para a tradução, ele diz que:

Serve para estabelecer as ligações entre um código e outro código, entre uma linguagem e outra linguagem. Serve para ler o mundo não verbal: “ler” um quadro, “ler” uma dança, “ler” um filme – e para ensinar a ler o mundo verbal em ligação
Revista A Palavrada (ISSN 2358-0526), 21, jan-jun, p. 43-55, 2022

com o mundo icônico ou não verbal. A arte é o Oriente dos signos; quem não compreende o mundo icônico e indicial não compreende o Oriente, não compreende o mundo verbal, não compreende o Oriente, não compreende poesia e arte (PIGNATARI, 2004, p. 20).

Desse modo, para este artigo, quando se propôs estudar a relação entre memória e tradução foi no sentido do que, tanto Sérgio Cardoso infere, quanto Décio Pignatari discute. Pois como ambos dizem, perceber a linguagem, nas suas mais diversas representações, é se desprender das palavras em sua “forma fechada”. É um desligamento necessário para se entender o processo e, principalmente, a relação que há entre a Tradução e a Memória, o exercício de se traduzir o passado, pois, bem como elucidado, a comunicação não se dá apenas em palavras, da mesma forma que a memória ocorre por inúmeras vias, sendo então a sua tradução algo real e eficaz.

Para mais, este trabalho baseou-se em uma relação comparatista entre a memória e a tradução, o que resultou em um diálogo importante, uma vez que tal enlace seja, até certo ponto, indissociável a julgar pela polaridade das duas áreas. Sendo assim, a Literatura Comparada se fez tal como o liame entre elas, ainda que de modo intrínseco, pois segundo a perspectiva Pageaux (2011, p. 84) [...] “já não há a necessidade de observar dois textos e estabelecer uma relação binária entre ambos. Um único texto pode se tornar o objeto de um estudo comparatista”. O que também dialoga com a visão de Tania Franco Carvalhal e abordado em seu livro *Literatura Comparada* (2006).

Em síntese, tem-se nesse estudo um diálogo acerca da oportuna e convidativa relação que, tanto a memória, quanto a tradução, proporciona o que, no entanto, não se conclui enquanto pesquisa ou estudo acerca deste “vínculo”. Considerando o que diz Hugo Simões e Julio Plaza pode-se então fazer outras mais inferências acerca desse enlace, pois assim como tantas outras áreas do conhecimento, sempre há algo o que discorrer, ou mesmo *traduzir*, a exemplo deste texto.

Considerações Finais

Há relações que ficam incompletas mesmo quando são compostas por muitos elementos, cinco, quatro, três, e outras que se completam com o mínimo de participantes que se exige para enfim se conseguir tal comparação, este último pode ser o caso da memória e tradução. É um caso, não raro, mas inquestionável no nível de sua confabulação, de sua troca

e funcionalidade, ambas se interligam em uma tentativa da excelência em atingir o que as duas, juntas, se encarregam.

Discorrer acerca desta temática destravou-se inúmeros caminhos instigantes e propícias vivências e vigências da memória, percebeu-se o quão convidativo é o processo do rememorar, da trazida do passado ao presente, respeitando e exercitando o tempo da memória sendo ele, justamente, o presente, o hoje, o agora, ainda que este já tenha ares de passado. Um passado que não se tem todo e completo, a julgar pela memória fragmentária/fragmentada, o que também é uma característica “nossa” e, principalmente, bem-vinda, pois mostra que “somos”, não limitados, mas humanos.

Tecer sobre um texto a respeito da memória e, juntamente, com as possibilidades que a tradução dispõe, se mostrou como uma descoberta, pois o primeiro efeito deste é fazer com que se intente relacioná-la com outras áreas as quais antes não se imaginava que se poderia fazer a justa relação. A tradução nessa perspectiva, e que na verdade o é, é um campo vasto de possibilidade, não só de trabalhos e estudos, mas formador, um preceptor social ao ponto de contribuir para a formação de uma sociedade como um todo, a julgar por toda a sua história ao longo dos anos, por exemplo.

Desse modo, com tudo o que se procurou descrever neste texto é assertivo dizer que a tradução está para a memória da mesma forma que a literatura está para a história, uma troca irrefutavelmente bem-vinda e, sobretudo, necessária, pois como dito acima, esse enlace vai além de fins acadêmicos, é social e humanizador. Assim sendo, espera-se que, a exemplo do texto de Hugo Simões, outras mais pesquisas surjam acerca desta temática e assim continue a perpetuar um dos muitos papéis, tanto da memória, quanto da tradução.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- _____. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1983.
- CARDOSO, Sérgio. “O olhar viajante (do etnólogo)”. In NOVAES, Aduino (org.). *O olhar*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. p. 347-360.
- CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. 4º ed. São Paulo: Ática, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990 (tradução: Laurent Leon Schafter)
- MARANHÃO, Haroldo. *Pará, Capital: Belém: memórias & pessoas & coisas & coisas da cidade*. Belém: Supercores, 2000.

- PAGEAUX, Daniel-Henri. *Musas na Encruzilhada: ensaios de literatura comparada*. Santa Maria: UFSM, 2011.
- PIGNATARI, Décio. *Semiótica e literatura*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.
- PIRES, Antônio D. Lugares-Comuns da Lírica, Ontem e Hoje. *Linguagem – Estudos e Pesquisas*, Catalão, Vols. 10-11, 2007. P. 01-30.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva / tradução Rosa Freire d'Aguiar*. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte, UFMG, 2007.
- SELIGMANN-SILVA, M. (org). *História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- SIMÕES, Hugo. Traduzir memória: entre o objeto distribuído e a memória multidirecional. In: *Cad. Trad.*, Florianópolis, v. 40, n° 3, p. 58-74, set-dez, 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Prateshi Vieira. 2 ed. São Paulo, Hucitec, 1981.
- OAKESHOTT, Michael. *Sobre a história*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020.
- PLAZA, Julio. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

Memories and translations: a study of the relationship between translating the past

Abstract: This article is based on the many possibilities available to Translation, as an area of knowledge/discipline. However, not intending to approach absolutely in its literal sense, considering that it requires a broader and more dynamic space. Thus, the study deals with one of its most polar aspects, the relationship between memory and translation, the exercise of translating memory, especially the collective one, between and inter peoples. Thus, for this, Bakhtin's perspectives (1997) and his multiplicity of voices are studied; Hugo Simões (2020) and Julio Plaza (2003), scholars in the field of translation, and also those of Ecléa Bosi (2003), Márcio Seligmann-Silva (2020) and Maurice Halbwachs (1990) memory researchers and theorists, in addition to having Comparative Literature as a methodological approach, discussing and thus illustrating the imbrication of Memory and Translation.

Keywords: Memory; Translation; Relationship.